

Por Ben Ahfkael, Filho de Noran Fikat

Dedico estas palavras a Plendor, meu rei e amigo.

Era noite quando a lua, em seu silêncio soberano, reinava sobre as águas imóveis. Acampávamos sob os pinheiros, e os ventos frios de um mundo recém-ferido pela guerra ainda assobiavam entre os galhos como lamentos antigos.

Eleond, Mike e Gali — três companheiros de bravura duvidosa e riso fácil — entretinham-se ao redor da fogueira com histórias da última batalha, vociferando com uma leveza que não encontrava eco em meu coração. Eu, diferentemente deles, estava cansado até os ossos. O peso da espada ainda latejava em minhas mãos, que tremiam tanto pela exaustão quanto pelas memórias. Nunca em meus séculos havia empunhado aço por tantos dias seguidos sem repouso.

Desejei distância daquilo tudo. Dos risos, do vinho, das feridas não tratadas da alma. E então parti, mancando com esforço, em direção ao lago.

Não estava longe — dois minutos, talvez três — mas cada pedra no caminho me lembrava o custo da guerra. Quando por fim alcancei a margem, deparei-me com um lago sereno, dividido em dois círculos conectados, como uma orelha voltada para o céu. Uma formação curiosa, e bela. Era raso, de águas límpidas, onde cardumes se moviam despreocupadamente, alheios à loucura dos homens. Alguns devoravam algas, outros reviravam pedras. E outros — como eu — apenas existiam.

Sentei-me numa pedra moldada pela natureza como um trono melancólico, e ali, sob o véu de estrelas, permiti-me esquecer.

O céu, naquela noite, abria-se como um livro sagrado. Reconheci três constelações antigas: Banshee, Telethos e Faerna — aquelas que os velhos do Equilíbrio diziam representar a coragem, a esperança e o

amor. Vi nelas um guerreiro ajoelhado fincando sua espada no solo, protegendo uma criança coroada — uma pequena princesa — enquanto uma mulher, cheia de graça e firmeza, observava de pé. Era uma cena eterna, congelada no firmamento, e por algum motivo, senti-me parte dela.

O frio voltou a me lembrar que o corpo ainda sangrava. Tirei da mochila um pequeno estojo de emergências e, vencendo o arrepio que me dominou ao despir a armadura, comecei a cuidar dos cortes. As ervas queimavam, mas acalmavam.

Foi então que a vi.

E eis o mistério que me persegue até hoje: como não percebi sua presença antes? Ela já estava ali quando cheguei. Como um espírito antigo que habita as águas desde antes de o mundo conhecer o nome dos ventos.

Levantava-se de um mergulho. A água escorria por seu corpo como se o adorasse, reverente. Era uma mulher de curvas tão perfeitamente desenhadas que a própria natureza parecia tê-la esculpido com carinho. Seus cabelos castanhos desciam como véus até o fim das costelas, e suas mãos, graciosas, percorriam os braços com suavidade ritualística, como se purificassem mais que a pele — talvez lembranças.

Ela estava de costas. Levemente inclinada. Uma visão quase sagrada.

Mas não sou homem de violar silêncios.

Levantei-me, com o coração ainda atônito, e deixei o lugar discretamente, como se me afastasse de um templo oculto. Não por vergonha ou medo, mas por respeito. Há presenças que exigem reverência, não palavras.

Retornei ao acampamento, onde meus companheiros já se preparavam para a ceia. Ríamos, comíamos, e ali estava ela. Sim, ela mesma, sentada entre nós como se sempre tivesse feito parte daquele grupo. Ninguém pareceu estranhar. Convidamo-la naturalmente, e ela aceitou como quem já conhecia nossos nomes.

Mas os detalhes... ah, os detalhes pertencem a outra história. Esta aqui é apenas sobre a noite, o lago, e a mulher que saiu das águas.

E o silêncio que ela deixou em mim.